

Vanguarda Socialista

ANO III Sexta-feira, 26 de Setembro de 1947 N. 109 — RIO DE JANEIRO — BRASIL
Redação: RUA MEXICO, 98 - 7.º ANDAR — SALA 708 • Diretor: MARIO PEDROSA

NESTE NÚMERO :

PARTIDO E LUTA DE CLASSE, Eloy. — NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS MINEIRAS, Josal. — COOPERATIVISMO E SOCIALISMO, Murilo — ESTADOS UNIDOS SOCIALISTAS DA EUROPA, Conrado Beller. — DO FRONT OPERÁRIO, J. C. — CONTRIBUIÇÃO À REFORMA AGRÁRIA — PROJETO DE COLONIZAÇÃO DE 1921. — NOTAS.

Sai às 6as.-feiras — Cr\$ 0,50

Na Assembléia da ONU a hora critica se aproxima

A assembléia da ONU está funcionando, em Flushing Meadows, como se fosse um torneio preliminar de retórica, a ser seguido de um verdadeiro combate no terreno, à moda feudal.

Depois que os dois bambas falaram ali, os outros, isto é, os vales passaram a desfilar pela tribuna, como se o mundo estivesse realmente interessado em saber a opinião do sr. Aranha ou do delegado da Polónia, sobre se a Rússia deve apaziguar os Estados Unidos, ou vice-versa.

O sr. Marshall, contudo, não andou com meias conversas. No fundo, convidou a Rússia a aceitar as suas propostas, ou dar o fora. Com efeito, se Vichinsky concordasse com o delegado americano, a conclusão a tirar seria que a Rússia estava resolvida a capitular, ou, pelo menos, a apaziguar os ianques.

Os pontos defendidos por estes equivalentes realmente, a suprimir o direito de veto, acabando com o privilégio dos cinco grandes no Conselho de Segu-

rança. (O privilégio dos grandes pode, perfeitamente, subsistir em qualquer assembléia e nos gabinetes diplomáticos) dispensando, pois, qualquer "garantia" a ser estipulada na letra dos estatutos ou no protocolo das reuniões internacionais. Por isso mesmo é que Washington não faz questão de que figure esse privilégio, inerente à sua condição de "grande", nos textos das convenções e "cartas".)

A Rússia, no entanto, apesar de "grande", carece de um reconhecimento "escrito" de suas prerrogativas privilegiadas, porque teme estar sempre em minoria nas deliberações coletivas internacionais. Por outro lado, aprovadas as sugestões de Marshall, todos os casos nevrálgicos na Europa e na Ásia, como Grécia, Áustria, Irã, Palestina, Coreia, etc., poderão ser abordados na ONU, sem que ela, possa conservá-los na obscuridade das negociações diretas ou por trás dos bastidores.

Assim, o que se está decidindo

em Nova York é, simplesmente, o próprio destino da ONU; bem mais cedo que a Liga das Nações, a nova organização mundial não aguenta a pressão dos conflitos interimperialistas, e começa a fazer água por todos os lados. Não será surpresa se a Rússia acabar a reunião de Flushing Meadows, de malas armadas, e dali despedindo-se definitivamente.

A verborragia que está fluindo de Nova York, em todas as línguas, e vai consumindo a saliva dos vários e pitorescos delegados das múltiplas nações, velhas e novas, que estão representadas na ONU, não tem a menor influência sobre a marcha dos acontecimentos. Enquanto "eles" falam, os maiores se preparam para saber quem vai mandar no mundo.

Antes de tudo o mais, se está jogando, naquela troca de palavras, nem sempre amáveis, a sorte da Europa ocidental para o futuro imediato.

A situação mundial chegou a tal ponto de tensão que começa, por assim dizer, a escapar do controle dos supostos senhores dos destinos da humanidade. A Europa não pode mais aguardar a passividade, pelo maquiavelismo de um carneiro da marca de Vichinsky ou pelas manipulações financeiras ou militaristas de um Marshall. Esperar, para ela, significa suicidar-se.

A quinta-coluna comunista na França e na Itália não poderá, tão pouco, continuar manobrando indefinidamente. O enorme prestígio de que gozava ainda um Togliatti ou um Thorez junto às massas, o controle que exercem sobre elas, obrigam-nos a, no fim, arriscarem a parada. Um partido político de massa não pode, com efeito, conservar-se a vida toda numa posição de expectativa, quando, aos olhos de toda a gente, o poder lhe está ao alcance da mão.

Togliatti pode manejar as massas proletárias, como coisa sua, por algum tempo; mas, a cabo, se as suas manobras e a

simples pressão ou ameaças sobre um governo, aliás, fraco e impopular, como o de De Gasperi, não derem resultado, não terá ele outro jeito senão abrir o caminho direto para o poder. Do contrário, as massas desesperadas mas esperanças, sobretudo as camponesas, cuja natureza explosiva e variável é proverbial, se dispersarão. Ou procurarão outros messias. E para isto, no último dos casos, até o cadáver de Mussolini serve.

Em França, mutatis mutandis é o mesmo processo. A diferença é de detalhes, mas sobretudo de ritmo e de uma menor vitalidade por parte das suas massas. Não esquecer que não há neste último país, uma massa imensa de cafonis, de trabalhadores rurais sem terra, como se dá na península italiana. De qualquer modo, ou o P. C. F. consegue torpedear esse pobre governo fictício de Ramadier, arrebatando-lhe, enfim, as rédeas

do poder, ou a hora do esfacelamento soará inevitavelmente, também para Thorez & Cia.

Um país não pode viver, eternamente, numa situação crítica, sem saída, com o seu povo sem pão, sem carvão, sem teto, vivendo apenas de uma superabundância de retórica. Os nervos dos cidadãos desesperados, sob tais condições, se enrijam, é verdade, e eles se dispõem a seguir

(Continúa na 2.ª pág.)

Partido e luta de classes

A predominância das idéias bolcheviques sobre o papel do partido, idéias essas hoje exploradas para subordinação de todo o movimento aos interesses nacionais da Rússia, determinou o esquecimento de formulações de Marx e Engels e dos seus grandes continuadores como Luxemburg e Kautsky, sob as quais se educou o proletariado até os dias de 1914.

Considera-se hoje que o proletariado chegará ao socialismo através do partido da vanguarda, agindo revolucionariamente ou nos "moldes da democracia". Stalinistas e não stalinistas, exceto nós, têm de comum a concepção sobre o partido. Os não stalinistas querem um partido perfeito, no qual reina a democracia interna e no qual a burocracia seja uma serva e não a senhora absoluta do aparelho.

Não é nosso objetivo examinar aqui as concepções de partido dos bolcheviques e suas variantes. O nosso objetivo é saber como chegará o proletariado ao socialismo.

Para Marx e Engels, pela própria teoria da luta de classes, o proletariado chegará ao socialismo pelo movimento operário, que é preciso ser considerado não o que "fez para diminuir a exploração, mas o que faz para au-

mentar a força do proletariado (Kautsky)".

E' a luta de classes que dá forças para instalar-se definitivamente. Já dizia Kautsky: "Conduzir a luta de classe econômica e política, levar avante, com ardor, as operações parciais, impregnando-as, porém, das idéias de um socialismo de vistas largas, agrupar assim, num todo gigantesco, mas harmonioso e homogêneo, todas as organizações e todos os esforços do proletariado e fazer com que essa torrente irresistível aumente incessantemente — eis a tarefa que deve impor-se a si mesma, segundo Marx e Engels, qualquer pessoa, proletário ou não, que se coloque do ponto de vista do proletariado, querendo emancipá-lo".

Só por intermédio do movi-

mento operário é que o proletariado poderá chegar ao poder como uma grande classe popular. E é ele que permitirá que "a reorganização dos meios produtivos, presos atualmente dentro da camisa de força do Estado nacional, terá que ser feita, de baixo para cima, desconhecendo-se, nessa reorganização, as limitações estatais, as barreiras nacionais, as preocupações mórbidas da defesa nacional, a necessidade de centralização absorvente, quaisquer militarismos ou considerações puramente políticas (Mario Pedrosa "A tarefa do socialismo")."

O ensinamento de Marx e Engels, confirmado pela longa história do movimento socialista, vem mostrar que o partido pro-

(Continúa na 2.ª pág.)

SAI OU NÃO SAI O RESTAURANTE DO SAPS EM NITERÓI?

Uma comissão de trabalhadores de Niterói (Refinadora de Açúcar, Sociedade do Gás, Cia. Telefonica, Transporte SER e de Feira-Livres), procurou-nos dizendo o seguinte:

Ha cerca de três anos, o SAPS iniciou a construção de um restaurante para os trabalhadores do bairro operário do Barreto, em Niterói.

Malgrado todo esse tempo decorrido, e apesar de já se haver consumido a rodo o dinheiro dos trabalhadores (pois o SAPS é custeado pela Previdência Social, cujos fundos provêm das contribuições dos proletários, por que o Estado não para a sua parte e muitos patrões estão em atraso), não ha nenhum indício de que tão cedo esteja terminada tal construção.

Não se sabe quais os interesses que têm procrastinado essas obras, a não ser constituírem elas uma fonte de justificativas para grandes despesas, sem resultados práticos, benéficos para o sempre explorado trabalhador.

Eis aí mais uma reclamação contra o SAPS. Todos os trabalhadores do Rio, Niterói, São Paulo, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, de qualquer cidade onde se instalaram os seus restaurantes, têm motivos de queixas contra esses serviço da Previdência Social.

Todas elas mostram que o SAPS foi mais criado com objetivos de propaganda, de demagogia getuliana. Era preciso mostrar aos trabalhadores que o ditador "queria resolver" o seu problema de alimentação. Então, fundara o SAPS. Servia para tapar e também para que Getúlio Vargas, pudesse tirar retratos comendo a boia do SAPS, por ocasião das visitas de personalidades importantes. Por estranha coincidência, a boia do SAPS nesses dias era melhorada.

As constantes reclamações contra os serviços do SAPS vêm mostrar que, até agora, após um ano de vigência constitucional e quase dois de deposição do ditador, não foi aquele serviço posto em seus verdadeiros trilhos. Ao que tudo indica, a poderosa burocracia que o domina pensa que estamos ainda no Estado Novo, quando não era preciso

prestar atenção às reclamações dos trabalhadores. Bastava-lhe a aprovação de dom Getúlio.

Aos companheiros de Niterói só podemos dar um conselho. A única maneira de os trabalhadores conquistarem o que desejam, seja aumento de salários, diminuição de horas de trabalho, instrução gratuita, terminação das obras do restaurante do SAPS no Barreto ou seja construir a sociedade socialista, é por meio de sua união. Unam-se todos, com a finalidade de conquistar o que querem. Hajam sobre os seus sindicatos, para que estes também participem da campanha. Unidos e coesos, terão o que querem. Dispersos, nada conseguirão.

MOVIMENTO CONTRA O SERVIÇO MILITAR NOS ESTADOS UNIDOS

Damos abaixo a declaração feita por Dwight Mac Donald, Diretor da Revista "Politics", em uma reunião realizada em Nova York, com o objetivo de adotar um plano de campanha contra o serviço militar obrigatório. Ficou então resolvido que os reservistas destruíssem suas carteiras militares, ou as desolvessem ao Presidente Truman, e 40 a 50 reservistas norte-americanos trataram logo de por em execução essa palavra de ordem. São as seguintes as palavras de Dwighth Mac Donald:

Esta reunião tem dois objetivos: 1), o de tomar abertamente posição contra o recrutamento militar; 2), o de protestar contra os preparativos do Governo dos Estados Unidos para a Terceira Guerra Mundial. Ou, de modo geral: a desobediência civil e o pacifismo.

Quanto à desobediência civil, resolvemos combater o recrutamento militar pelo método mais simples e mais direto: recusando-nos, individualmente, a reconhecer a autoridade do Estado neste

assunto. Não posso dizer dos motivos que impelem meus companheiros de campanha a assim agirem. Quanto a mim, devo dizer que estou disposto a transigir com o Estado em todos os pontos que não venham muito opressivamente contrariar os meus pontos de vista e os meus interesses próprios. Pago impos-

tos, cumpro os regulamentos postais e legais, que não são muito onerosos, no tocante à publicação de minha revista. Estes mandamentos do Estado não me parecem afetar a minha vida senão em questões muito secundárias e sem importância. Mas quando o Estado — ou melhor, os indivíduos que falam em nome dele

Cooperativismo e Socialismo

Aqueles que pretendem opor as cooperativas ao socialismo demonstram apenas que não entendem o que seja cooperativismo, nem tão pouco socialismo. Para eles, socialismo é estatismo apenas, aceitando as formas existentes na Rússia, de capitalismo de Estado como socialismo, revelando dessa maneira uma profunda ignorância a propósito não só do marxismo como também de várias outras correntes socialistas. Para eles, as cooperativas não passam de meras organizações de luta contra a vida cara, contra a exploração, demonstrando aí também incapacidade em analisar o próprio

conteúdo das formas cooperativistas.

A organização de uma cooperativa é ao mesmo tempo a organização de uma comunidade, proprietária coletiva de seus meios de troca ou de produção. Juntam-se as cotizações de diversos associados para a compra ou venda ou produção. Os valores adquiridos ou produzidos não pertencem individualmente a um ou a outro cooperado. São de propriedade coletiva, social, de todos os cooperados.

A melhor ilustração do caráter coletivo, social, dos meios de produção ou de troca possuídos (Continúa na 2.ª pág.)

— me diz que tenho de preparar-me para "defendê-lo" contra inimigos externos, isto é, que tenho de me preparar para matar gente que não me fez mal algum em defesa de um regime social que bastante mal me tem feito, nesse ponto eu digo que não é possível. Nego qualquer competência — para não falar em direito — a quem quer que seja, fale em nome do Estado ou não, para decidir por mim uma questão de tamanha importância. Se me responderem que sou cidadão americano e que por isso tenho a obrigação de "defender a pátria", observarei que o fato de ter nascido no solo americano foi um tanto ou quanto involuntário no que me concerne, e que desde então nunca assinei qualquer contrato social. Em assunto tão sério como seja ir para a guerra, cada um deve decidir por si; e isto significa desobediência civil ao poder estatal que se arroga o direito de decidir por mim.

2

Para muitos, o pacifismo é apenas abster-se do conflito, uma (Continúa na 2.ª pág.)

pachante da empresa se queixou à polícia, cuja Delegacia de Ordem Política e Social prendeu os reclamantes, que foram levados à polícia central e lá "convencidos" a retornarem ao trabalho. É mais uma clara intervenção da polícia nas questões entre trabalhadores e patrões, em consequência de não haverem sido ainda revogadas as disposições fascistas contra a greve contidas na Consolidação das Leis do Trabalho.

A proibição de greve e a intervenção da polícia nos movimentos mostram que ainda estão longe de nós, para a classe trabalhadora, as liberdades democráticas. A greve continua a ser tratada pelo Governo como se vivéssemos ainda no Estado Novo. A polícia intervém com brutalidade, como no Estado Novo, como aconteceu por ocasião do movimento da Light. Nos outros movimentos, a polícia prende e "convença" os grevistas a voltarem ao trabalho, determinando a obediência às ordens dos patrões. Essas intervenções policiais precisam ser denunciadas, porque representam um grave atentado aos direitos das classes trabalhadoras.

Apesar da violência sofrida, nenhum partido que se proclama democrático denunciou essa ação indebita da polícia. O Sindicato, dominado por elementos ministerialistas e obedientes às ordens policiais, não tomou nenhuma providência para defender os trocadores da Viação Relampago, que, abandonados pelo próprio sindicato, não tiveram outro caminho senão o de aceitar serem "convencidos" a voltar ao trabalho pela polícia política.

Na Assembléia da ONU...

(Continuação da 1.ª pag.)

o guia mais radical e audacioso. Mas é essa mesma situação de desespero que pode, também, com o tempo, quebrar a tensão nervosa, e transmutar a revolta em lassidão, e o desespero em depressão. Essa mudança dialética no ânimo do povo se pode dar a qualquer momento. A hora, portanto, crítica se está aproximando inexoravelmente para os dois países e os seus dois partidos ditos comunistas. E não transporá o próximo inverno.

Até agora, toda a fleugma de Thorez e de Togliatti provinha de saber que o poder estava ali, bem à altura do braço. Era só estender a mão para alcançá-lo. E que contavam com o fator tempo. Mas eis que novos fatores surgem capazes de lhes tirar as vantagens de seu fator decisivo. Para a União Soviética o tempo, também, começa a urgir. O rival imperialista americano dá indícios, realmente, de ter mudado de tática. Parece que já não acredita em negociações. E antes prefere prometer mundos e fundos aos povos sem pão da Europa ocidental. Ao mesmo tempo fraze o sobrolho para Moscou, convidando-a a pôr as cartas na mesa. Nessa feroz disposição foram os seus delegados para a assembléia da ONU.

O Kremlin controla o povo russo; controla os povos subjugados de sua periferia; controla também as quintas-colunas comunistas no exterior. Mas há uma cousa que nem o Kremlin pode controlar indefinidamente: é a fome e o desespero dos trabalhadores e camponeses italianos, dos operários e pequenos burgueses da França.

A contra-ofensiva americana vem, assim, atrapalhar os planos, a longo prazo, de Stalin e Molotov. Estes vinham, até agora, dando ordens aos seus Thorez e Togliatti de não se precipitarem numa cartada decisiva; continuassem a ganhar tempo, a contornar a negacear, enquanto Moscou se reservava o direito de escolher o momento de abrir luz verde.

Nesse jogo de espera havia sempre o perigo de que as massas se cansassem de tantas demonstrações de rua, de tantas greves de protesto, de tantas passeatas "da fome", e acabassem se recusando a continuar a desfilarem, pelas ruas, cantando "bandeira vermelha" ou "à la lanterne". E esse momento haveria de chegar, fatalmente, quando se convencessem de que os comunistas não estavam pensando, seriamente, em marchar para o poder. Que tudo aquilo era para ganhar tempo para Moscou. E as cousas pioraram, efetivamente, quando, em meio a essas paradas e encenações, que afinal não encham barriga, Marshall chegou com o seu "plano", isto é, um saco cheio de dólares.

Assim, o tempo vai encurtando para ambos os protagonistas da comédia mundial e para os protagonistas da tragédia dos povos europeus.

A Itália e a França são as últimas trincheiras dos Estados Unidos na Europa. Se estas forem tomadas de dentro, isto é, pelos comunistas à frente das massas, os soldados de Tito Sam, que se encontram no centro do continente, estarão cercados. Para escapar ao cerco terá que ser por avião. A não ser que prefiram acomodar-se, entregando-se aos marchinhos vermelhos. A retirada pelo ar terá muita coisa de parecido com aquela famosa retirada das tropas britânicas em Dunkerque. Será mesmo uma espécie de Dunkerque americano.

Depois de Dunkerque, Hitler ofereceu a paz aos britânicos. Stalin pode, também, propor a Washington um modus-vivendi. Entre as condições de paz que o Führer propôs, então, a Londres, estava como se sabe, a saída de Churchill do Governo. Quem sabe se o Ditador do Kremlin não condenará a candidatura de Truman à reeleição e sugerirá, graciosamente, a de Henri Wallace?

A paz ficará, então, dependendo dos planos estratégicos que governo e estado-maior americano já tenham traçado desde agora. Se o plano prevalecer for o dos estrategistas do ar, da ofensiva imediata, que têm como um de seus porta-vozes o jornalista Walter Lippman, então, a resposta às mais amáveis sugestões de Stalin será a bomba atômica sobre Moscou, Petrogrado, Bakú, Kiev, os Urais, etc.. E será a terceira guerra, punica de nossos tempos. Se prevalecer, porém, o ponto de vista dos estrategistas tradicionais, da marinha e do exército, isto é, da indústria pesada, haverá um novo Munique. E a guerra real, a do choque brutal de forças, será

adiada por mais alguns anos.

De qualquer forma, a sorte da Europa ocidental vai decidir-se nos próximos dias ou meses. A terceira guerra, também, se decidirá por essas próximas semanas. A Rússia tomará conta do resto do Velho Mundo nesse mesmo tempo, ou porque já estará certa de que os Estados Unidos vão passar à ofensiva e atacá-la; ou porque, se ela não o fizer, os partidos comunistas da Itália e da França começarão a desintegrar ao mesmo tempo que o prestígio de Washington se consolidará em toda a zona ocidental. O resultado seria um recuo do prestígio russo, não somente nos países dessa zona mas no resto do continente e na Ásia. As consequências internas, para os dominadores do Kremlin, de um tal recuo, seriam muito sérias.

Eis aí em rápidos traços o mecanismo de forças que está atuando sobre os figurantes de Flushing Meadows, e os vai impelindo para o desenlace, como a marionetes. Não são eles, na realidade, muito mais do que isso.

PARTIDO E LUTA DE CLASSE

(Continuação da 1.ª pag.)

letário, socialista, tem de estar agrupado no todo do movimento operário. E' ele apenas um órgão desse próprio movimento, criado especificamente para determinadas políticas. Não é uma instituição fora da classe ou acima da classe, com barreiras à própria classe. Está incluído na própria classe ou, melhor, é a própria classe. Pela Doutrina, o partido não é e nem pode ser uma organização de eleitos "a vanguarda".

Costuma-se, muitas vezes, assemelhar o movimento operário ao exército. E' uma analogia estabelecida apenas para assimilar o papel do partido ao do Estado-maior. Como este dirige o exército, é a cabeça do exército aquele é a direção e a cabeça do movimento operário. Não a faz para assemelhar o papel do partido a de qualquer outro órgão. Num exército um serviço, um órgão, não é superior a outro. Todos estão harmoniosos e homogeneamente agrupados para a realização da missão de que o exército está incumbido. Assim, no movimento operário. Todas as suas organizações, sindicato, cooperativa, partido, centros culturais, esportivos, beneficentes, etc., devem agir harmoniosamente para a vitória da classe proletária. A tarefa dos socialistas consiste em agrupar harmoniosa e homogeneamente num todo gigantesco todas as organizações da classe operária, impregnando-as das idéias socialistas.

E preciso que todos compreendam que se a conquista do poder político é mais decisiva, "a emancipação econômica da classe operária é o fim principal, ao qual todo o movimento político deve ser subordinado como um simples meio secundário" (Kautsky). Esta opinião do grande socialista é também a de Marx, Engels, Luxemburg e de outros gigantes do socialismo. Mas, infelizmente, na verdade, devido ao domínio das idéias bolcheviques, todo o movimento proletário é subordinado ao partido.

Não englobado, harmonioso e homogeneamente, as outras organizações da classe operária, o partido é uma organização não proletária, que pode arrastar o proletariado a lhe apoiar, precisamente pela falta de consciência socialista da classe operária. Isolado do conjunto das organizações da classe operária, às quais pretende apenas impor o seu comando, o partido se torna fragil e sem resistência aos ataques do Estado capitalista, enfraquecendo também o próprio proletariado.

Organizado à parte do movimento proletário, o partido termina por estabelecer suas próprias finalidades que não coincidem e não são as do proletariado, que é emancipar-se economicamente. O que o partido visa é o seu próprio domínio. Tudo que mantém a sua hegemonia é justo.

Estranho ao movimento operário, o partido dirige-se ao pelo eleitoralismo mais reles e oportunista ou pelo revolucionarismo mais radical. Duma ou doutra forma, o partido não cria resistência aos golpes do Estado e é incapaz de enfrentar o Estado até as últimas consequências. O partido termina, quando dono do poder, por se tornar o maior defensor do próprio Estado, cujo fortalecimento se torna a sua preocupação. Não será o condutor do proletariado ao socialis-

(Continuação da 1.ª pag.)

recusa passiva a marchar com o Estado belicoso. Este pacifismo é por certo melhor do que o assentimento à coerção estatal, mas, a meu ver não é bastante. Para mim, o pacifismo é simplesmente um modo de lutar ativamente contra a injustiça e a deshumanidade; não quero só conservar o meu código de ética, mas ainda influenciar outros para que o adotem. Meu pacifismo pode chamar-se "resistência não violenta", ou, melhor ainda "resistência amigável. Exemplifiquemos. Muitas vezes pergunta-se aos pacifistas: "Qual seria o seu conselho aos judeus da Europa quando Hitler tivesse conquistado o continente? Que se sujeitassem pacificamente aos nazistas e fossem calados para as câmaras de gás?" O curioso dessa pergunta é que os que a fazem esqueceram-se de que isto é bem o que fizeram quase todos os judeus da Europa, na realidade, não porque fossem pacifistas porque não o eram, mas porque eles, como tanta gente em nossos dias, se tinham acostumado a obedecer a autoridade

Cooperativismo e Socialismo

(Continuação da 1.ª página)

pela cooperativa se encontra na indivisibilidade dos fundos da cooperativa. Em caso de dissolução, esses fundos, deduzidos da devolução do retorno e da indenização do capital cabíveis a cada cooperado, não são divisíveis, proporcional ou igualmente, a cada cooperado. Produtos da atividade social, resultados de operações sociais, esses fundos são coletivos, pertencem à própria cooperativa, que persistem mesmo no caso de dissolução da cooperativa. São destinados por isso mesmo a outras entidades cooperativas, conforme toda a tradição do movimento cooperativo, de acordo com a maioria dos teóricos das diversas correntes cooperativistas.

Por não analisar esse aspecto do cooperativismo é que certas pessoas incorrem no erro de opor socialismo e cooperativismo. Outras pessoas, animadas da maior boa-fé, por timidez se recusam a extrair todas as consequências do fato apontado acima e se deixam embair pela mistificação de pretensos teóricos do cooperativismo no Brasil.

A cooperação tende a transformar a propriedade individual, a propriedade privada capitalista dos meios de produção e de troca em propriedade coletiva. É nessa tendência do cooperativismo que se apoiam as melhores cabeças do movimento cooperativista, do passado e do presente, para afirmar que o cooperativismo substituirá o capitalismo, baseado na exploração, no lucro e no monopólio dos meios de produção e de troca, por um sistema de propriedade coletiva, harmônico e democrático.

Os socialistas divergem dos cooperativistas puros no tocante à questão política da tomada do poder e não no referente às formas econômicas. Nenhum socialista condenou até hoje as cooperativas como forma econômica social, coletiva. A divergência diz respeito a outra questão, bem diferente.

A maioria dos cooperativistas puros acreditam que "a passagem do regime capitalista para o cooperativista faz-se por uma evolução lenta e natural". A cooperação no princípio faz-se no domínio do consumo e inicia-se por fornecimentos de mercadorias e retalho, passando posteriormente aos fornecimentos por atacado e à própria produção.

A própria história revelou que tal hipótese não passava de mero sonho utópico, porque precisamente não leva em conta o aspecto político da dominação burguesa. Baseava-se na ilusão dominante no século passado. Do mesmo modo que as liberdades políticas se ampliavam, estendendo a democracia, acreditavam os corifeus do cooperativismo puro, chamado de rockdaleano, que a mesma coisa aconteceria no campo econômico e que a associação cooperativista se iria estendendo a toda a econo-

Movimento contra...

do Estado, ou seja, essencialmente, porque reconheciam o direito da força. Suponhamos que os judeus fossem pacifistas — ou antes, resistentes amigáveis. Não teriam, é verdade, enfrentado os nazistas de armas na mão. Mas teriam resistido com toda sorte de desobediência civil, e teriam dificultado, senão impossibilitado, aos nazistas, encurralá-los aos milhões nos campos de morte. Teriam conseguido esse resultado passando para a ilegalidade nas grandes cidades, desobedecendo as ordens das autoridades alemãs para que se apresentassem em determinados lugares e em determinadas ocasiões, falsificando documentos, entrando em contacto com os grupos anti-nazistas da população local e escondendo-se com eles, vivendo nos morros e nas florestas nos distritos rurais. E sempre possível desenvolver-se uma técnica de sabotagem e de devastação, desde que se tenha a vontade de resistir e que se tenha pensado sobre o problema. Mas para aquele que pensa em termos da lei e da ordem, que quer fazer parte de uma sociedade estabelecida, não há esperança: hoje, a lei e a ordem são sinônimos da guerra e da violência. Chegamos assim ao paradoxo de que aqueles que aceitam a força como um meio de atingir objetivos sociais têm toda a probabilidade de agir de modo passivo, se não pacifista, quando a força está do lado de seus inimigos. Aqueles, porém, que rejeitam a força, estão livres de resistir ativamente.

O argumento mais comum contra o pacifismo é: que faria você se visse um homem torturando uma criança? Não recorrerá à força para impedi-lo? Não sei o que eu faria: sei que procuraria impedir tal ato e imagino que, se os métodos não violentos falhassem, eu tentaria a violência. Nessa medida, penso que não sou um completo pacifista. Mas os que lançam mão desse argumento só o fazem para estabelecer uma analogia: se você pode recorrer à força para impedir que se torture uma criança, porque não recorrerá à força para impedir que, digamos, os nazistas torturassem milhares de crianças? A analogia me parece errada. Se eu mesmo recorrer à violência em um caso concreto e restrito como o que foi aventado, poderei prevê-lo, até certo ponto, quais sejam os resultados. Mesmo que eu tenha de matar o homem para impedir que ele mate a criança, ainda se poderá dizer que minha ação foi justa, porque, se um ou outro tinha de morrer, era melhor que fosse o homem. Mas, numa guerra contra o nazismo — ou o stalinismo — os que sofrem de ambos os lados são em geral tão inocentes e indefesos como a criança. Nem se pode prever quais sejam os resultados — ou antes, pode-se prevê-los perfeitamente. Os meios que têm de ser empregados são tão repugnantes moralmente que envenenarão toda a cultura do vencedor. Então massacrarmos alemães indefesos com bombardeios de saturação é punir os nazistas por massacrarem judeus e poloneses indefesos? Mas, se quisermos usar a máquina estatal e recorrer à guerra organizada, único meio de evitar massacres e atrocidades é perpetrá-los nós mesmos, antes; e a justiça se faz aos inocentes judeus e chineses, não executando os seus assassinos, mas matando centenas de milhares de inocentes alemães e japoneses. Esta é

uma contabilidade que eu não aceito.

Voltemos, porém, rapidamente ao problema do homem que tortura a criança; Tolstói observou certa vez que a todo momento lhe estavam apresentando este monstro hipotético — como se vê, o argumento não é novo —, mas que, durante sua longa vida cheia das mais variadas experiências na guerra e na paz, nunca lhe fora dado encontrar esta fera. Por outro lado, ele encontrava todo dia e a cada passo inúmeros homens reais que feriam e matavam outros homens reais em nome de algum credo ou instituição social. Encontrava frequentemente, em carne e osso, juizes e altos funcionários, homens de negócio e oficiais do exército que empregavam habitualmente a violência contra os fracos e que exploravam pela força a grande massa de seus semelhantes. Por isso, concluiu, mui razoavelmente, que o problema do que fazer com algum monstro hipotético que ele nunca encontrara pessoalmente não era tão importante quanto o problema dos inúmeros homens reais, que recorriam à violência, com que constantemente ele se defrontava. E concluiu, mais, que aquilo a que ele se opunha era o emprego real e generalizado da violência, e sua utilização na guerra em defesa de um sistema social injusto, e que o pacifismo era a única coisa a opor àquela violência.

Finalizando, sou forçado a admitir que o método que escolhemos para concretizar o nosso protesto contra o recrutamento militar é passível de muitas objeções práticas. Até que ponto dará resultados, não sei. Adotei-o, entretanto, porque foi o único modo que concebi de exprimir a minha oposição ao recrutamento. E preciso começar de algum modo e algum dia. Só podemos esperar que outros inventem métodos mais eficazes para levantar o povo contra a violência e a matança, que se tornaram as feições mais características da era que vivemos.

AS PROXIMAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS MINEIRAS

As próximas eleições municipais mineiras a ferir-se em 23 de novembro vêm despertando vivo interesse nos meios proletários, não só por se tratar de mudança dos atuais prefeitos como também, e isto com especial cuidado, de se tratar da política local que envolve seus interesses econômicos, políticos e sociais.

E por que esse interesse, esse entusiasmo que vem despertando nos trabalhadores mineiros? As eleições municipais? A resposta é fácil de encontrá-la! Nas passadas, como nas atuais administrações, nada foi feito apesar das promessas feitas em público, em favor de seus interesses.

Daí deriva todo o despertar da consciência da massa votante que não quer mais ser explorada pelos "coronetes", politiquinhos sem caráter, ligados aos velhos troncos da oligarquia latifundiária e clerical, sem se incomodarem com a situação de fome do povo trabalhador e os próprios interesses municipais, que eles próprios delapidaram. Nenhum partido mineiro pode apresentar ao seu eleitorado uma administração municipal que os credite às próximas eleições!

Agora mesmo, no curso dos debates da Carta Constitucional, foi levantada a questão do exame das administrações municipais passadas, e para pasmo de outros tantos "coronetes" com assento naquela Assembléia, verificou-se que 30 ex-prefeitos se locupletavam com os dinheiros públicos e que, portanto, deveriam ser processados. Mas eles são da família e o processo não andou.

E' justo, pois, o interesse do proletariado mineiro. O quadro vivo acima exposto não poderia conduzir a outra situação — o despertar de suas consciências em face de seus interesses.

Tudo depende agora em se conduzir por uma política própria, isto é, pela criação de um partido ou candidato próprio, saído do seu próprio seio.

Como se situam os quadros políticos ou partidos militantes na política mineira em face dos interesses dos trabalhadores?

A UDN, que levou o governador Milton de Campos ao Executivo com os votos proletários é um organismo burguês-agrário, que norteia a sua política pela

conquista de postos governamentais. Portanto, esse partido, não tem interesse para o povo. O PSD sustenta o governo federal, muito embora do bloco industrial, é a ala mais reacionária da burguesia nacional, de tendências ditatoriais. Disto decorre a sua exclusão no próximo pleito, pelos proletários.

Resta-nos agora o PTB. Que é esse partido, que se rotula de partido dos trabalhadores? É um produto da mentalidade política de Getúlio Vargas, criado num período de contrafação política, em que as massas não estavam devidamente esclarecidas. Pode embair em certos Estados e tirar resultados ponderáveis, em conluio com partidos que se dizem da extrema esquerda, e explorando o campo da conquista das Leis sociais, que não são obra de Getúlio Vargas. Passadas, porém, as eleições, verificou-se que o resíduo deixado não o recomenda ao povo como partido que defenda os interesses dos trabalhadores. A atividade dos representantes desse partido na Câmara Federal nada trouxe para o proletariado. Só consegue o PTB manter presos certos setores, algumas camadas operárias, com as atitudes demagógicas em torno de alguns problemas sociais. O tempo porém esclarecerá todas essas atitudes demagógicas.

Que fazer então diante de tais partido, que não representam nem de fato, nem formalmente, os interesses do trabalhador mineiro?

E' o que vamos preconizar. E' a criação de um partido, que seja representante dos trabalhadores, socialista se tanto for possível, ou candidato operário, fruto do próprio meio e escolhido após maduro estudo de serias qualidades de caráter e combatividade, ativo e disposto à luta em prol das necessidades do povo.

Só assim serão afastadas as figuras dos grupos opostos, isto é, dos grupos burgueses e dos demagogos vulgares, que nos tempos de eleições aparecem ostentando programas vastos para melhor embair o meio operário.

Agora mesmo, em censo levantado em todos os Estados sobre a produção agrícola, Minas figurou em último lugar. Este fato não é devido à incapacidade do

(Continua na 3.ª pag.)

Vanguarda SOCIALISTA

Semanário marxista de interpretação e doutrina
ANO III — 26 de Setembro, 1947
— N.º 109 —

Diretor: MARIO PEDROSA.
Secretário: HYLCAIR LEITE.
Redação e Administração:
RUA MEXICO, 98 - 7.º, s. 708
Rio de Janeiro

Assinatura anual Cr\$ 30,00
Número avulso Cr\$ 0,50
Nos Estados Cr\$ 0,60
Número atrasado Cr\$ 1,00
Os cheques ou vales postais devem ser emitidos em nome de Hylcair Leite.

SUCURSAL EM SÃO PAULO
R. do Carmo, 72 sob., tel. 3-9242
Direção: João da Costa Pimenta

(Continuação da 4.ª pag.)

pensa em como se poderia ter melhorado o mundo, criando fontes de produção, adiantando e civilizando as regiões atrasadas, se todos estes esforços, em vez de destruir, houvessem sido despendidos para construir!... Fica demonstrado, pois, que só uma vontade socialista, superior à ideia estreita do nacionalismo, pode organizar o mundo. O mundo de amanhã será socialista, ou não será, visto que uma terceira guerra imperialista destruiria as bases da civilização. A existência de tal perigo é evidente pelos antagonismos existentes entre as grandes potências, cujas respectivas políticas egoístas se cingem às vetustas regras da diplomacia secreta, não augurando nada de bom para futuro próximo.

Um dos pontos centrais, onde desde há milhares de anos até nossa época se fez a história humana, é a Europa. Devido às lutas fratricidas entre seus povos, mesclados cultural, econômica e racialmente, encontra-se hoje ela mais desunida que nunca. Havendo os Estados europeus chegado a seu apogeu durante a época do mercantilismo, a decadência foi inevitável ao fortalecer-se neste século o industrialismo com seus aliados, o protecionismo e o racionalismo agressivo. Assim é, que hoje, as antes todo-poderosas nações europeias acham-se relegadas a segundo ou terceiro plano, e devemos considerar os Estados Unidos da América do Norte e a União Soviética como as potências diretrizes. Em face de tal estado de coisas, a ideia dos Estados Unidos da Europa nasceu, visto como sempre esteve em estado latente. Durante toda a Idade Média, o sonho da unidade do Ocidente foi mantido vivo pelo Sagrado Império Romano da Nação Alemã. Desde a decomposição do Império Romano, durante os vários séculos de feudalismo, não existia a necessidade material de uma união, mas espiritualmente sempre se anhelava tal coisa, representada durante mais de um milênio pela Igreja apostólica, católica, romana. Vemos, pois, que o ideal pan-europeu não é novo. Nos tempos modernos, já depois da primeira guerra mundial, teve certa influência nos círculos intelectuais, especialmente nos da França e Alemanha, que como países mais afetados se interessaram vivamente em sua realização. Teria sido muito menos difícil sua implantação na Europa mais ou menos democrática anterior a Hitler que hoje, com os novos odios acumulados, com exércitos espalhados por toda parte e regimes mais ou menos ditatoriais muito zelosos de suas atribuições soberanas. Não se tendo podido realizar o sonho de uma Europa unida antes da catástrofe, cujas funestas consequências se fizeram sentir ainda por várias décadas, porque todos os interesses das épocas feudal e capitalista se haviam unido contra o progresso, muito menos provável é que se realize agora, quando o continente europeu se encontra dividido em duas zonas de influência, quase sem contacto uma com a outra. O motivo do fracasso das anteriores tentativas, bem intencionadas sem dúvida, tem-se que ir buscá-lo no próprio regime ca-

Estados Unidos Socialistas da Europa

pitalista. Como é sabido, as indústrias pesadas, a maneira, a agricultura latifundiária, formam os círculos mais poderosos das principais nações da Europa, e é preciso que se seja muito cômico para acreditar que os governos sustentados por estes grupos perniciosos poderiam ter algum interesse na realização de uma união federal que constituiria automaticamente a exclusão da possibilidade de futuros lucros por venda de armamentos, monopólios, etc., e guerras. A burguesia, inteiramente entregue,

(Continuação da 4.ª pag.)

que possam as famílias servir a moradores e compradores."

DISCIPLINA...

"Uma vez realizados esses projetos, é imprescindível que as colônias estejam sujeitas a uma disciplina que aprecie o mundo por um único lado, e que sejam assim distribuídas e divididas de acordo com o país de origem dos colonos. As antigas comunidades, que, muitas vezes, na verdade, tinham ideais comunistas, darão sempre mau resultado. Somente uma direção autoritária, que seja completamente independente dos colonos, poderá manter a ordem na colônia e dar as determinações para que sejam executadas. Deve-se cuidar ainda da campanha contra a formiga, a heresia de passarinho, etc., campanha que precisa ser feita em comum, afim de facilitar o trabalho e o cultivo das mercadorias para serem levadas aos mercados próximos. A autoridade da direção econômica lutará, certamente, muito, se conseguir com que só haja uma religião na colônia, que todos os colonos tenham a mesma religião e sejam de uma única ascendência."

OS MEIOS FINANCEIROS

Segundo o padre, a maior dificuldade da organização de Colônias desta ordem é o problema financeiro. A maior parte dos imigrantes vem de países — diz ele — de moeda depreciada, das camadas sociais menos protegidas. Daí a advogar a conveniência do Tesouro Nacional secundar a organização destas colônias. Ele encara tres meios de financiamento do empreendimento, "sem que seja necessário ocupar a fortuna do Estado: Primeiro caminho: Adiantamento de capital sem juros a uma companhia de reconhecido crédito. O governo da República, ou de um dos Estados faria uma emissão de papel moeda para este fim, sendo que metade do capital, assim obtido, seria empregado na compra de terras para localização dos imigrantes. A outra metade, seria entregue à companhia e exploradora, que com ela adquiriria o material de instalação necessário, além do sustento e do desenvolvimento da empresa. O capital seria garantido por hipoteca das respectivas terras, bem como das suas instalações. Seria amortizado anualmente e de modo crescente, num prazo de dez a quinze anos. As importâncias para cobrir as hipotecas novamente entregues ao Tesouro Nacional, que as queimaria des-

de corpo e alma, ao nacionalismo para conservar suas prerrogativas materiais, é incapaz de realizar em nossos dias qualquer reforma positiva. Resulta, pois, que Pan-Europa é uma utopia, se se esperar que se realize por vontade dos Estados soberanos, visto que todos eles teriam que renunciar dita soberania para integrar uma entidade superior. Fica evidente, pois, que falando-se de Pan-Europa, os estadistas de pré-guerra pensavam sempre na ampliação de suas próprias zonas de influência: os

Contribuição à reforma...

sa forma, os fariam sair da circulação, reduzindo assim o papel moeda, posto em circulação para aquele fim. Dessa forma o aumento do papel moeda não se teria transformado em elemento inflacionário, nem diminuído o crédito nacional, pois que o seu valor estaria sempre representado por valores concretos que em lugar de diminuir, ao contrário, aumentariam com o trabalho das colônias e a venda dos produtos. Parece-me que um capital, sem juros, assim empregado, seria uma excelente política de imigração e povoamento no território brasileiro.

O emprego de alguns milhares de contos para esse fim pelo governo da República, a título de experiência, seria o melhor presente que o mesmo podia fazer aos seus concidadãos, por ocasião do festejo do centenário. Assim organizaria uma dessas colônias nas proximidades da Capital Federal para servir de centro abastecedor da mesma. Por outro lado, em pouco tempo, se teria tirado a prova dos nove da iniciativa.

"O segundo caminho, a seguir, seria a organização de duas sociedades, uma das quais com sede

alemães reclamaram o predomínio nesta união devido a sua situação geográfica no coração da Europa e a sua grande população; os franceses reclamaram a mesma preponderância devido a sua maior influência cultural e a sua tradição histórica. Nenhuma das duas potências mais importantes do continente pensava, pois, em ceder. Faltando a base, o desenvolvimento de uma ideia sã e progressista estava condenada a uma morte certa. Se revive agora, é sob outros aspectos. Não penso aqui

no país emigratório e a outra no imigratório. A sociedade do país emigratório caberia escolher os emigrantes e os maquinismos necessários para seu trabalho. A outra, levantaria o capital necessário para o empreendimento. Os juros de amortização do capital seriam pagos pelas vendas dos lotes pelos produtos da fazenda modelo, pela derrubada das matas e aproveitamento dos valores do sub-solo, bem como pela obtenção dos produtos industriais daí derivados. O capital seria dado, sob hipoteca de todas as instalações e propriedades da colônia. Melhor seria se a amortização dos capitais empregados fosse feita a rateios pequenos e juros módicos, afim de que o capital pudesse ser melhor empregado."

O terceiro caminho, finalmente, seria de um imposto fundiário cobrado a todos aqueles que não explorassem suficientemente bem as suas terras, com isenção dos que provassem ter as mesmas cultivadas de modo a serem úteis o país. O imposto recairia sobre todos com a diferença única de que propriedades de terras exploradas deveriam pagar o dobro. Este imposto poderia ser cobrado, a meu ver, numa propor-

As próximas eleições...

Continuação da pag. 2

trabalhador mineiro. Revela a incapacidade administrativa e a larga especulação dos exploradores do povo à sombra das autoridades municipais, sendo a causa do êxodo das populações rurais para os Estados vizinhos, o que veio dificultar a lavoura e a sobrevivência da expansão da fome hoje existente em todo o Estado.

Não há um único município cujos problemas de fomento da produção agrícola estejam em vias de execução e os outros que lhe são correlatos: vias de comunicações para o barateamento do transporte, aproveitamento das quedas d'água para força e luz, serviço de saneamento das cidades e dos campos, que imensas populações sertanejas estão entregues ao garrote da política e dos interesses dos "coronetes".

Ao se aproximar, portanto, o pleito no qual se irá decidir a sorte dos mandatários dos municípios mineiros, devem os trabalhadores dos campos e cidades arregimentarem-se desde já num forte e poderoso núcleo, conscientes de suas necessidades mais

prementes, como sejam: barateamento do custo da vida, elevação dos salários ao nível do custo de vida atual, escolas e hospitais; produção e transporte. No campo político necessitam lutar pelas garantias das liberdades públicas já consagradas na Carta Constitucional Federal.

Não faltam aos trabalhadores mineiros possibilidades para realização destes objetivos. Não percam tempo. A hora é de decisão. O campo político eleitoral não pertence exclusivamente ao burguês para seu proveito como tem sido até aqui. Não!

Cabe seu benefício para evitar que continuem a ser a eterna vítima dos exploradores e demagogos.

Vanguarda Socialista participa deste objetivo e vos aconselha a arregimentação dentro de um verdadeiro partido Socialista, único e possível meio para solução dos verdadeiros problemas dos trabalhadores mineiros.

Avante, trabalhador mineiro! Pela criação do Partido Socialista!

JOSAL

na ideia proclamada por Churchill, visto que parece destinada a dar novo alento ao Império Britânico, isto é, dar-lhe nova colônia no continente Europeu, compensando-o, deste modo, pela perda de outra grande península asiática, a Índia.

Penso na ideia proclamada por socialistas italianos e alemães que visavam a criação dos Estados Socialistas da Europa. Não aceito a interpretação já surgida de que tratando-se de grupos partidários de países vencidos, venha a pan-Europa so-

ção de cem reis por hectare por ano. Um imposto dessa natureza faria não somente justiça ao problema de encarecimento da vida nas cidades, que é sobretudo proveniente da falta de produtos, como, além de seu efeito puramente social, traria oportunidade para a consecução de trabalhadores em empresas de grande instalação no campo e na organização de colônias modelos.

Não resta dúvida de que, para a execução da cobrança do imposto dessa natureza se teria de lutar com toda sorte de dificuldades especialmente em se tratando de extensões territoriais imensas, na maioria ainda não medidas, com uma população deficiente e rala. Esta dificuldade, no entanto, não impediria que o imposto fosse executado, pois certamente outros impostos foram também cobrados apesar dos mesmos impedimentos.

A vontade, ou, digamos, a necessidade de emigração, embora que seja triste uma tal asserção, nos países da Europa Central, especialmente na Áustria e na Alemanha, aumenta diariamente, porque estes países não estão mais em condições de sustentar as suas populações em virtude da debacle das suas moedas e da contingência sempre crescente em que estão em comprar no estrangeiro gêneros alimentícios. Para países de grandes territórios, ou melhor, ainda não suficientemente explorados, apresenta-se assim magnífica oportunidade de obtenção de braços para desenvolvimento de suas riquezas do solo e o aumento de sua produção. E preciso aproveitar o momento, afim de conduzir para onde se torne mais necessária, a corrente imigratória.

Ao país das palmeiras e dos rouxinóis apresenta-se agora uma excelente oportunidade para obter os braços de que precisa para o seu progresso. Agora que grande número de países fechou seus portos aos países emigratórios, o Brasil tem nas mãos o meio de escolher os braços de que precisa para o desenvolvimento do seu solo e para passar à policultura, para alimentar suas grandes cidades, garantindo-lhes o fornecimento de viveres e evitando possíveis desordens internos. Baseado na experiência na observação feitas no Brasil e em múltiplos estudos agrícolas, procurei mostrar novos trilhos para o seu desenvolvimento, de modo a fazê-lo chegar à posição a que está destinado, e afim de que também o abençoem aqueles que se vêm forçados a procurar uma nova pátria."

Sexta-feira última, em Buenos Aires, travou-se um tiroteio entre a polícia e seis jovens que estavam realizando propaganda política. No mesmo dia, outro incidente aparentemente diverso, terminou com a morte de um operário, identificado por jornais comunistas como membro do Partido. Este foi perseguido e morto numa emboscada perto de sua casa, no bairro de San Martín. Ainda naquela sexta-feira, outros seis jovens foram presos, depois de sistemática caçada de automóvel, através do centro da cidade. A polícia se excusa sempre a dar qualquer informação acerca dessas medidas.

PERU — Não há liberdade de cátedra no Peru. O ministério da Educação acaba de publicar uma ordem de proibição de "propaganda política entre os escolares". Adverte a ordem que os professores que não obedecerem serão sumariamente despedidos.

TRIESTE — O recém-criado Território Livre de Trieste se encontra no momento com os seus estaleiros paralisados devido às graves que estouraram em San Marco, Sarco, San Andrea e Nel Muggia. Mais de 7.000 trabalhadores estão de braços cruzados. A parêde foi determinada por ter a polícia atirado contra alguns operários que faziam propaganda política.

ITALIA — Em Milão, foi atirada uma granada de mão contra o edifício do consulado da Espanha. Testemunhas dizem que a granada foi atirada ao mesmo tempo em que se ouviu um grito de "abaixo Franco-ruína da Espanha".

INGLATERRA — O Conselho de Comércio de Londres, que representa 650.000 trabalhadores organizados, pediu ao governo uma legislação que ponha fora da lei as organizações e atividades fascistas. O memorandum exige a prisão de sir Oswald Mosley, líder fascista britânico, que esteve detido durante a guerra.

A primeira resposta ao apelo feito, ha poucos dias, por Stafford Cripps, presidente do Ministério do Comércio, no sentido de um maior apoio dos trabalhadores da indústria para aumentar a produção foi dada pelo Conselho Executivo do Sindicato das Eletricistas, em nome de mais de 17.000 operários em eletricidade.

J. C.

DO FRONT OPERARIO

ESPAÑA — As prisões de Franco acabam de receber mais três trabalhadores, que, acusados de terem tentado dinamitar uma ponte, foram condenados pelo Tribunal Marcial de Alcalá de Henares, a penas que vão de quatro até dez anos.

ESTADOS UNIDOS — Um relatório do Comité Agrícola da Câmara dos Representantes divulgado há poucos dias mostra que a mecanização no campo da agricultura está ameaçando tornar sem eira nem beira milhões de agricultores americanos, frisando, ainda o aludido documento que se trata de um dos mais severos problemas humanos nacionais, sem solução à vista.

Mais de 3 milhões de agricultores ficaram desempregados no ano passado, devido aos mesmos fatores, embora as colheitas tivessem sido maiores do que em qualquer outra época.

ARGENTINA — Peron não pode governar com oposição. Todos os órgãos que combatiam o "governo" deixaram de circular. "La Vanguardia", "Argentina Libre", "Laborismo", "Tribuna Democrática", "Que..." e outras publicações menores não têm mais onde imprimir-se. As oficinas que se encarregavam da impressão desses órgãos rescindiram seus compromissos, alegando instruções vindas de funcionários do Estado, cuja identidade foi mantida em reserva.

"La Vanguardia", semanário socialista, recebeu ordens para fechar suas oficinas devido ao barulho e à falta de uma sala de socorros de emergência.

Enquanto isso, a polícia vem praticando toda sorte de violências contra elementos discordantes da política de Peron.

BOLIVIA — Os trabalhadores bolivianos não se intimidaram com o estado de sítio, recentemente decretado pelo governo, e continuam lutando, firmemente, em prol das suas reivindicações.

Na quinta-feira da semana passada, os bancários se declararam em greve, em vista da resolução adotada pelo ministro do Trabalho, mandando adiar os trabalhos do tribunal arbitral, que vinha julgando o conflito, determinado pelo pedido de aumento de salários. A greve foi solucionada três dias depois, satisfeitas as exigências dos grevistas.

Prossegue a greve dos sindicatos fabris, em La Paz. O movimento está sendo levado a efeito por mais de 12.000 trabalhadores, que pleiteiam aumento de salários.

Continúa a parêde dos mineiros, iniciada na semana passada, nos centros de Pulacayo e Calquiri, pertencentes ao grupo Hochschild.

FRANÇA — A agência telegráfica "Reuters", em despacho datado de 19 do corrente, informa que o secretário geral do Partido Socialista francês, Guy Mollet, num artigo publicado em "Le Populaire", advoga uma política socialista para toda a Europa como "a mais prática, a mais racional e mais sã fórmula para ser evitada uma nova e terrível guerra".

Referindo-se ao problema alemão, Mollet declara que essa questão não poderá ser resolvida por meio de táticas violentas. "A única maneira de purgar o povo alemão do nazismo é colocá-lo numa Europa democratizada e encorajar o socialismo na Alemanha".

Notícias de Paris adiantam que George Bidault, atualmente em Nova York chefiando a delegação francesa à Assembleia Geral das Nações Unidas, foi incumbido pelo gabinete francês de solicitar ao governo dos Estados Unidos "auxílios urgentes", em suprimentos alimentares para a França.

Em diversas cidades da França, continuam sendo realizadas demonstrações populares contra a carestia da vida.

PARAGUAI — Morinigo não tem podido mais conter seu ódio ao povo paraguaio, sempre disposto a reclamar as suas liberdades. Uma onda de terror foi desencadeada em todo o país, com tal violência que o próprio clero acaba de vir a público, numa pastoral do arcebispo, denunciar os crimes do tirano, descrevendo pateticamente a penosa situação reinante no Paraguai.

Estados Unidos Socialistas da Europa

Por CONRADO BELLER

Sendo o socialismo um movimento de caráter universal, visto que sua base científica, o materialismo dialético, não se circunscreve a determinados países, mais ou menos evoluídos no sentido econômico, mas a toda a humanidade, é imprescindível não esquecer que a solução nacional dos problemas dependentes da união internacional só pode conduzir a resultados parciais, de alcances limitados.

É grande calamidade de nossos tempos, que em lugar de nos acostumarmos a pensar na humanidade como um ente, vivamos a anacrônica realidade das soberanias nacionais. E isto numa época de fáceis comunicações, onde as distâncias já não representam nada. Desde há um século, porém, a estrutura econômica sofreu fundamentais mo-

dificações em razão de seu desenvolvimento técnico. A economia rural, de alcance local, completada por um comércio irregular de reduzidos produtos valiosos, foi transformada em uma economia industrial de vasto intercâmbio, donde a interdependência de todos os produtores se tornou essencial. Todavia, quanto à organização política atual, não lhe custa muito convencer-se de que sofreu insignificantes perdas, em comparação às dos períodos anteriores, quando o cavalo e a diligência constituíam os meios mais rápidos de comunicação. Eis, pois, que chegamos à metade do século vinte com uma estrutura política similar à existente nos tempos da decadência do Império Romano. Durante séculos, porém, este sistema correspondia ao desenvolvimento econômico-técnico do mundo e posteriormente, com o advento

da máquina, começavam a fazer-se sentir os resultados desfavoráveis de tal *status quo*.

O socialismo, por intermédio dos seus mais preclaros pensadores e homens de ação, pregava o internacionalismo, reconhecendo implicitamente a existência das nações e a necessidade de superá-las. Marx, com sua sagaz clarividência, previa que o desenvolvimento entre as grandes indústrias conduziria ao protecionismo, criando, deste modo, monopólios econômicos, que por sua vez obrigariam os Estados soberanos a fechar suas fronteiras às mercadorias dos demais Estados, procurando, ao mesmo tempo, fontes de matérias primas exclusivas (colônias) e mercados fechados de consumo: vale dizer, o imperialismo em sua clássica interpretação. Atingido o fim desse desenvolvimento, com a primeira guerra mundial, es-

tando toda a terra já repartida entre as grandes potências, surgem as graves crises econômicas de 1919/1933, que conduzem à culminância da evolução capitalista: a autarquia do Estado totalitário, onde todos os direitos do indivíduo, econômicos e políticos, caem um depois de outro sob a influência irresistível do super-Estado, que, por sua vez, cai completamente sob o domínio dos interesses capitalistas, ainda que procurando sempre dar-se um verniz superficial e fingindo de justiça social e de

democracia. Porém, não é concebível maior contrassenso: é como misturar fogo com água. Repito, pois, que o nacionalismo é produto genuíno do capitalismo, e seu predomínio em todo o mundo, com suas bandeiras, hinos e símbolos, como signos exteriores, e seu protecionismo econômico-financeiro como fundo sagrado, demonstra a cada vez mais quão antagônico é ao socialismo, cuja finalidade, a libertação do gênero humano das cadeias que o prendem à miséria, à exploração, à injustiça e

à ignorância, não pode ser atingida dentro dos limites nacionais.

A luta imperialista dos grandes Estados soberanos, imitados pelos demais, dissipa a fortuna das nações e, trabalhando para a guerra, prepara sua própria destruição. É impossível calcular o custo das duas guerras passadas, com seus milhões de vidas sacrificadas ou mutiladas, com suas cidades e campos arrasados, com suas riquezas e materiais destruídos. E quando se

(Continua na 3.ª pag.)

Contribuição à reforma agrária Projeto de colonização de 1921

Publicamos abaixo, um documento interessante referente a um projeto de reforma agrária no Brasil, publicado na Alemanha, em 1923, como "contribuição ao centenário do Brasil" e "as boas relações entre os dois países". O projeto é da autoria de um padre, especialista na matéria, monsenhor Jos. Gasteiger, que viajou por São Paulo e pelo Estado do Rio, em 1921, pesquisando as possibilidades de colonização nesses Estados por imigrantes alemães.

O documento tem hoje atualidade quando o problema imigratório voltou a ser agudo, e cada vez mais se liga à questão primordial da reforma agrária indispensável. Se bem que discorremos do projeto do monsenhor Gasteiger, por acharlo insuficiente e, agora, nas condições dadas, irrealizável, e também em virtude de uma certa inspiração autoritária, não se pode negar que o mesmo representa uma contribuição curiosa. De outra ocasião, dissemos as ideias expandidas pelo padre. O projeto também mostra como é velho o problema e como era evidente aos observadores estrangeiros que nos visitam. Embora escrito em português, não foi possível transcrever-lo literalmente. Fomos, mesmo, obrigados a aqui e acolá corrigir a linguagem em bem da clareza.

N. R.
COLONIZAÇÃO MODERNA

(Pelo mons. Jos. Gasteiger)

"Já deve ser bastante geral a opinião de que a fundação frutífera de novas colônias deve ser em terras inexploradas e em sítios ainda não explorados. Considerando a falta de meios com que emigramos em geral os povos e ainda mais considerando que as terras situadas em regiões já habitadas estão sempre em mãos definitivas, não seria fácil um novo processo de colonização. O desenvolvimento do Brasil, e em especial das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo deixa, no entanto, patente, a necessidade da fundação de colônias agrícolas que não lhes sejam demasiadamente distantes para que possam abastecer facilmente esses dois centros populosos, se não se quiser expô-los a uma perturbação interna por falta de víveres para o seu pronto abastecimento.

A fundação de colônias em sítios distantes não tem valor real, já pela dificuldade de transporte como também porque a sua produção não poderá dessa forma ser aproveitada pelos grandes centros consumidores. Somente a colonização para estes centros consumidores, e em especial para a Capital Federal, será capaz de evitar a falta de víveres nesses lugares e evitará fatalmente revoltas provocadas pela fome. Considerando mesmo que estas terras, próximas aos grandes centros e que estão em poder de grandes proprietários particulares, anda assim se apresentam mais dois fatores de grandes peso a impossibilitarem a sua colonização. Esses fatores são: o vulgar ditado do povo, que alega ser infrutífera a terra explorada primitivamente pelo café e o fato de que, para o Brasil, somente a grande economia agrícola é proveitosa.

E' verdade que o aspecto na maioria das fazendas depois da libertação dos escravos é doloroso, e isto por faltar às camadas

superiores do solo a quantidade bastante de azoto e de cal. Isto acontece, naturalmente, pela falta do arado, pois como essas terras não veem arado há dezenas de anos, é natural que o hidrogênio do ar não penetre suficientemente nas camadas inferiores e que as camadas superiores paulatinamente petrificadas não permitam mais a entrada natural das águas da chuva, o que provoca, naturalmente, o endurecimento dessas camadas. Dessa forma, os efeitos benéficos desaparecem para as plantações.

No entanto, se uma providência for dada para que estas terras sejam mais depressa aradas, revoltas, é mais que natural que dentro de muito pouco tempo elas sejam de novo fortalecidas pelo abençoado sol brasileiro, sejam elas as mais exuberantes de todo o país."

A ETERNA FALTA DE BRAÇOS

"O trabalho agrícola extensivo no Brasil é uma consequência natural da sua precária população, e daí a sua eterna falta de braços. Onde faltam braços para o trabalho é imprescindível colocar a máquina em maior número; o melhor, naturalmente, seria se esses dois coeficientes pudessem ser vencidos simultaneamente para o grandioso país.

O mais prático seria, sem dúvida, superar-se com uma colonização concededora dos segredos da técnica agrícola e já se tivesse ocupado mais de perto com este gênero de trabalho. Até a presente data, é comum dizer-se no Brasil que para a existência de uma família de colonos esta precisa de dispor de um terreno nunca inferior a vinte ou vinte e cinco hectares. Pelas florestas e a mata virgem é roubado o colono de uma grande parte das terras que lhe são entregues, e isto em virtude da falta de meios pecuniários do mesmo para obtenção de seus fins agrícolas. Seria, no entanto, fácil, aos colonos, vencer tais obstáculos, se fossem colocados nas antigas fazendas, onde não é necessária a derrubada e onde, com pequeno capital, podiam eles fazer um intensivo trabalho agrícola na policultura.

Considerada a riqueza do terreno, seria bastante, nesse caso, de cinco a dez hectares por família, porque uma família é incapaz de preparar terras de maior extensão. Uma policultura intensiva naturalmente se dobraria, especialmente quanto aos produtos de mais imediata procura nas grandes cidades, e, por isso mesmo, de consumo mais seguro e maior. Esses produtos seriam: leite e seus derivados, carnes e seus produtos, frutas e legumes, e, nos lugares onde a situação climática permitisse, também aveia.

Alem da pequena quantidade de terreno que seria dada então, a cada colono, também seria possível uma criação regular, caso nos terrenos menos aproveitáveis para o plantio, fossem organizados pastos comunais, não muito longe das residências dos colonos, de modo que cada um desses tivessem sempre à mão o gado leiteiro e o miúdo.

A principal impossibilidade da localização de imigrantes, ou colonos, nas imediações das grandes cidades, — quer dizer, a propriedade particular dos terrenos — só poderia ser vencida pela compra de fazendas convenientes por parte de companhias em boas condições financeiras. So-

mente a organização de tais sociedades selecionadoras dos elementos que transportam e que tenham conhecimento da agricultura, elementos trabalhadores e progressistas, será de proveito para o país."

O autor aconselha, a seguir, que as fazendas compradas já tenham instaladas habitações com o necessário conforto para os colonos, habitações essas que devem ser próximas aos meios de comunicação. Só por essas habitações, que devem estar organizadas desde o início da colonização, se poderá evitar a dispersão ou a fuga dos colonos "A sociedade formada teria, como primeira preocupação, organizar uma fazenda modelo numa das partes dos territórios cedidos para colonização, com pessoal técnico competente, conhecedor da agricultura brasileira, e em contacto com agricultores nacionais; os colonos seriam ali empregados, de princípio, com salários iguais aos prevalecentes na zona, pagos pela sociedade. Assim eles se habituariam à agricultura brasileira e aos seus costumes."

Cada colono deveria passar obrigatoriamente por esta escola, de seis meses a um ano, e só depois desse estágio é que as famílias poderiam se instalar, "quanto mais não fosse em uma casa primitiva nas proximidades da fazenda modelo."

"Como os terrenos só devem ter uma superfície de cinco a dez hectares, ou de dois a quatro alqueires, os colonos seriam obrigados a se dedicar a um trabalho intensivo, desde o início. A fazenda modelo, que ficaria em poder da sociedade, serviria unicamente para abastecer os colonos da sementeira necessária e do gado que cada um tivesse necessidade para reprodução e criação.

O pagamento dos terrenos adquiridos pelos colonos poderia ser feito, ou por trabalho que estes dessem na fazenda modelo, ou então, por fornecimento de produtos que vendessem ao preço da praça. O preço do respectivo terreno, então, seria fixado de acordo com a sua situação e possibilidades no escoamento dos produtos cultivados.

A fazenda modelo deverá ser o centro gerador de toda a colônia, e seus progressos e desenvolvimento agrícola. Para isso deverá ela ser provida das necessárias máquinas, que serão emprestadas aos colonos para seus trabalhos. Deverá também ter o gado necessário para a melhoria da criação, além de campos de experimentação e demonstração, afim de proteger sob todos os pontos de vista os interesses dos colonos.

A direção da sociedade deverá também entrar em acordo com sociedades de compra e venda para os colonos. Essas sociedades, porém, deverão ser dirigidas pela fazenda modelo. Devem igualmente ser instaladas na fazenda uma igreja, uma escola e um estabelecimento comercial.

Na organização das indústrias não se deve esquecer que cada família possua uma casa, com terreno bastante para que não dependa de plantações alheias, e onde possa plantar os gêneros alimentícios mais usuais, pois desta forma se evitará que vivam em colmeias, mas ao mesmo tempo, esse terreno permitirá

(Continua na 3.ª pag.)

SEMANÁRIO MARXISTA — CIRCULA ÀS SEXTAS-FEIRAS

Vanguarda Socialista

ANO III Sexta-feira, 26 de Setembro de 1947 N. 109

NA III CONVENÇÃO DO PARTIDO Socialista Brasileiro em São Paulo IMPORTANTE DISCURSO DE PLÍNIO MELO

O nosso companheiro Plínio Melo, na sessão de encerramento da III Convenção Estadual do Partido Socialista Brasileiro, pronunciou um discurso, do qual fazem parte os seguintes parágrafos:

"Esta é a terceira Convenção partidária em que nos reunimos, em S. Paulo, para examinar os problemas políticos do Estado e fixar nossa orientação, como partido, em face dos mesmos. Embora ainda sejamos um partido pequeno, conseguimos reunir, desta vez, maior número de delegados do interior do Estado, cuja atuação foi decisiva na fixação da política a ser adotada pelo Partido em face das próximas eleições de novembro. A fidelidade aos ideais socialistas por todos demonstrada, sua combatividade e compreensão das tarefas que temos pela frente, dão-nos a certeza de que, através da próxima campanha eleitoral, o nosso partido irá crescer, de modo a se tornar o grande partido do povo brasileiro no pleito de 1950.

Os debates travados em torno da orientação do Partido nas próximas eleições constituíram uma prova de fogo para o nosso programa. Quando todos os partidos, solicitados por interesses imediatistas de grupos ou facções, quando não de caráter exclusivamente pessoal, procuram acomodar-se em combinações e conchavos de toda ordem, sem a menor atenção pelas reivindicações do povo a que dizem servir, nosso Partido reafirma sua conduta de independência em face das manobras eleitorais que se estão processando em todos os municípios do Estado. Somente faremos alianças, em casos especiais, diante de coligações reacionárias, que visem monopolizar a administração municipal. E, isto mesmo, quando o partido ou os partidos com que nos aliamos eventualmente, estejam dispostos a acatar aquelas reivindicações locais que se enquadrem em nosso programa mínimo. Ainda nesta hipótese excepcional, uma condição será exigida pelos socialistas: exclusão absoluta de qualquer acordo ou entendimento com o P. S. D. ou com o P. R. P. Mas, perguntar-se-á, porque esta exclusão? Não é, acaso, o programa desses dois partidos tão semelhante ao programa do P. R. da U. D. N., do P. T. B., do P. T. P., do P. S. P., do P. D. C., e demais organizações partidárias do Estado? Sabemos muito bem is-

so. Todos estes partidos, ressaltadas as iniciais, são tão parecidos uns com os outros, como a maioria dos homens que os lideram. Mas, a nossa conduta é ditada neste caso especial, pela conduta do próprio partido chamado majoritário, que tudo vem fazendo por solapar a democracia que estamos procurando consolidar, de um lado, e de outro lado, porque desejamos permanecer fiéis à memória dos milhões de vítimas do fascismo no mundo, negando qualquer aproximação com aquele partido que, embora camuflado e insignificante numericamente, representa em nosso país os bandos de Hitler e Mussolini que pretenderam escravizar o mundo.

Estamos atravessando uma época em que é preciso falar claro, sem meias palavras, custe o que custar, doa a quem doer. Somos socialistas, e, como tais, não escondemos os nossos objetivos; queremos a socialização dos meios de produção e de troca. E o queremos, não só porque vemos no socialismo o grande ideal de uma sociedade onde o homem deixa de ser o lobo do próprio homem, como principalmente porque estamos comprometidos de que somente o socialismo poderá libertar a humanidade do caos em que se encontra.

Mas, como chegar ao socialismo, se somos ainda uma insignificante minoria organizada no Partido Socialista Brasileiro? Evidentemente, somos uma minoria ainda, mas sabemos muito bem que a grande maioria do povo brasileiro, se ainda não conhece o nosso programa, começa a evoluir no sentido de nossas ideias, sente já a angústia desta fase de transição que o mundo atravessa como o prelúdio de um mundo novo, livre das misérias engendradas pelo capitalismo. E, na medida em que subermos difundir as nossas ideias fazendo-as atingir as grandes massas populares de nosso país, não teremos dúvidas em afirmar que elas encontrarão o ambiente propício, a frutificação. Tudo indica que não está muito longe esse dia, se subermos permanecer fiéis ao programa que estamos defendendo.

Tem se procurado estabelecer confusão a respeito de nosso programa e dos nossos objetivos, pretendendo identificar-nos com os comunistas. Até um conspicuo membro do Tribunal Superior Eleitoral, de boa ou de má fé, pretendeu negar o registro de

nosso Partido, sob o fundamento de que nenhuma distinção havia entre ele e o partido cujo registro foi cancelado por aquela Tribunal. Nada mais errado e injusto. Os comunistas, aqui como alhures, outra coisa não pretendem, ressaltadas as boas intenções da grande massa que os segue, do que a conquista do poder para o estabelecimento de sua própria ditadura. Nós, ao contrário, somos contrários a toda e qualquer ditadura, pretendendo realizar o socialismo através dos métodos e dos processos tradicionais da democracia política. E, mesmo quando atingirmos o poder pela vontade soberana do povo, através da sua representação parlamentar, procurando executar o nosso programa socialista, pretendemos fazê-lo, sem violentar aquelas prerrogativas democráticas que constituem a maior conquista da civilização.

Na luta, pois, em que estamos empenhados, procuraremos abrir caminho, como o fazem os socialistas em todo o mundo, contra aqueles que se dizem "democratas", outra coisa não fazem do que pretender iludir seus verdadeiros objetivos de mantenedores da ordem capitalista, bem como contra os supostos "esquerdistas" que procuram camuflar seus objetivos ditatoriais falando a todo o momento em "democracia". A democracia é antes de tudo, a livre competição das ideias, o regime pluripartidário, a representação parlamentar sem entraves, o respeito às ideias do adversário. Sem isso, não há democracia.

Hoje, quando o mundo caminha a passos de gigante para uma nova e mais desastrosa hecatombe, quando a humanidade está ameaçada pela Guerra Atômica, precisamos, mais do que nunca, levantar bem alto o estandarte do Socialismo e da verdadeira Democracia porque somente através do socialismo democrático, neste como nos demais países, poderá ser encontrada uma saída para a destruição total da civilização. E para esta ingente tarefa que estão sendo chamados os socialistas em todo o mundo. E', como se vê uma tarefa muito árdua e quase irrealizável, se pensarmos na pequenez de nossas forças. Mas, se nos pusermos em ação com vontade de vencer e com fé em nossos ideais, não haverá dúvida de que chegaremos ao Socialismo e à Liberdade!

"A liberdade, a liberdade, eis todo o meu sistema: liberdade ao infinito, liberdade absoluta, liberdade por toda parte e sempre" - (PROUDHON)